

Resumo

O texto aborda a obra de Luiz Beltrão, conhecido por ser o primeiro Doutor em Comunicação Social no Brasil e ter desenvolvido a teoria da Folkcomunicação, do ponto de vista do escritor de ficção. Quase uma dezena de obras, entre romances e contos, são analisados, mostrando as suas principais características e as eventuais relações com a própria comunicação.

Palavras-chaves: pesquisa em Comunicação Social, Teoria da Comunicação, Literatura Brasileira

Resumen

El texto habla sobre la obra de Luiz Beltrão, conocido por ser el primer Doctor en Comunicación Social en Brasil tanto cuante el desarrollo de la teoría de la Folkcomunicación, desde el punto de vista de la ficción. Casi una dezena de obras, entre novellas y cuentos, son acá analisados, mostrando sus principales características y sus relaciones con la propia comunicación.

Palabras-claves: investigación de la Comunicación Social, Teoría de la Comunicación, Literatura Brasileña

Abstract

This paper is about Luiz Beltrão's works, specially know to be the first Social Communication PHD in Brazil and autor of the Folkcommunication's theory. It considers the writer's ten works of fiction, among novels and short-stories, here analysed dealing with main characteristics and relations in the field of communications.

Keywords: communication research, communication theory, Brazilian Literature

* Texto apresentado como aula magna na FIAM (SP) no primeiro semestre de 2003

* Jornalista, pesquisador e professor da PUC-RS.

O nome de Luiz Beltrão surge, para a história da bibliografia brasileira sobre jornalismo, em particular, e da comunicação em geral – e muito especialmente para o ensino dessas áreas em nosso país – a partir dos anos 60. Sua contribuição, apesar de todos os entraves e desafios que se lhe colocaram, ultrapassa 1986, ano de sua morte. Jornalista profissional prático, já com mais de um quarto de século de experiência quando apresenta sua tese de Doutorado na Universidade Nacional de Brasília, o que o levaria a ser o primeiro titulado no campo da Comunicação por uma universidade nacional, Luiz Beltrão dedicaria outros 25 anos de sua vida ao ensino do jornalismo na universidade e, mais do que isso, defenderia a necessidade e importância deste ensino, especializando-se nos campos das técnicas e da ética, que abrangeria também em quase uma dezena de livros.

Simultaneamente a essas múltiplas atividades, a que se deve somar, como extensão de uma mesma faceta, sua militância sindical, surge uma outra, menos conhecida, menos reconhecida, talvez menos valorizada, mas cuja descoberta quero agradecer particularmente a esta provocação que um de seus mais fiéis escudeiros, o Prof. Dr. José Marques de Melo, apresentou-me, ao convidar-me para participar desta aula magna, dando-me, ao mesmo tempo, um tema: a obra literária de Luiz Beltrão.

De formação essencialmente católica, pois chegara a estudar em um convento, mas convivendo com a elite intelectual do Recife combativo e militante dos anos 40, Luiz Beltrão teve uma experiência eclética, como se demonstra por sua constante citação bibliográfica, tanto nos ensaios quanto na ficção, de que tira exemplos para as análises que apresenta em suas obras, além de inúmeras viagens que realizou, como profissional de comunicação. Assim, não se pode dele dizer que tenha sido um teórico vinculado ao pensamento cristão ou marxista, tão somente. Foi, acima de tudo, um humanista, capaz de preocupar-se com a liberdade do indivíduo, em especial da sociedade humana, real e concreta, retirando, pois, de cada experiência que conheceu – a socialista da União Soviética, da China e de Cuba – e a capitalista, dos países europeus como França e Espanha, aos Estados Unidos, de cujos autores lança mão a todo o momento – o que de melhor cada um tinha a oferecer ao que ele mesmo pretendia repartir com seus colegas e discípulos.

A trilogia que é um programa de vida

Beltrão foi, acima de tudo, um abnegado apóstolo que pregou incessantemente a importância da comunicação para a sociedade humana; a ne-

cessidade intrínseca ao ser humano de informar-se e informar; o estágio da comunicação de massa que então chegava fortemente ao Brasil, a partir dos anos 60; o significado social do jornalismo; a defesa do profissional jornalista especializado e, enfim, para tanto, a urgência da criação das escolas de jornalismo, menos para a formação do que para a preparação dos jornalistas, como reafirmava constantemente. Este conjunto de princípios, que constituíram seu *evangelho*, ele os expressou, pioneiramente, na tese que apresentou, em 1953, no V Congresso Nacional de Jornalistas, em Curitiba.

Fátima Aparcida Feliciano, após mencionar a tese provocadora e utópica do autor, antecipando o que o leitor vai encontrar em *Introdução à filosofia do jornalismo*, valoriza especialmente a quarta parte do livro, e acrescenta: “Beltrão tratou, ainda, de tais questões, em outros três textos, que poderíamos chamar de *trilogia*: *A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980)”. Podemos unir as duas pontas de sua atuação profissional-pedagógica, relendo aqueles quatro livros, a que se deve acrescentar o exemplar de seu curso no Ciespal. Assim, o trabalho a que nos propusemos foi o de reexaminar as idéias de Luiz Beltrão a respeito do jornalismo e de seu ensino, partindo de dados por ele coletados, suas reflexões sobre o jornalismo, o jornalista e o ensino do jornalismo. Ao mesmo tempo, vamos registrar algumas observações que nos pareceram pertinentes, na tentativa de, contextualizando seus textos, chamar a atenção para a antecipação e vislumbre de algumas idéias – hoje corriqueiras – mas que foram vanguardistas, para a época, por parte do professor e teórico.

É de se lembrar que *Iniciação à filosofia do jornalismo*, seu livro de estréia, foi também o primeiro livro didático e técnico, editado no Brasil, no campo do jornalismo, diretamente dirigido aos estudantes da área. E disso ele está bem consciente, quando afirma, em determinada passagem daquela obra:

Ao que nos consta, nenhum estudo sistemático desses problemas foi realizado em língua portuguesa e as nossas livrarias e bibliotecas estão desprovidas de obras sobre tão importantes temas, mesmo provenientes de outros centros culturais.

Luiz Beltrão, anos depois, defenderia a existência de compêndios, inclusive nos cursos universitários, escrevendo:

O uso de compêndios – que alguns pedagogos condenam, especialmente no ciclo superior de ensino – justifica-se como ponto de apoio para o desenvolvimento do pensamento reflexivo do aluno, pois sistematiza as informações prestadas em classe, ao mesmo tempo que reduz seu esforço de tomar apontamentos de todas as palavras do mestre, limitando-se a fazê-lo quanto a idéias essenciais e itens peculiares.

Além do mais, embora se valesse de bibliografia estrangeira, até porque inexistia, à época, bibliografia nacional, sempre se colocou contrário à simples tradução de livros do exterior, pois entendia que dever-se-ia sempre levar em conta, no ensino do jornalismo em nossas escolas, a prática concreta da profissão tal como se dava no país, de que, naturalmente, um livro em outro idioma não seria capaz de realizar. Assim, fez parte de seu programa de vida a redação e edição de livros técnicos na área da comunicação e do jornalismo, de que acabou sendo pioneiro em várias perspectivas, bastando citar o que agora se edita pela primeira vez, a *folkcomunicação*.

Por outro lado, a leitura de suas obras permite-nos, igualmente, acompanhar a evolução da prática do jornalismo em nosso país, tanto quanto a do ensino do jornalismo em nossas escolas, desde o tempo em que tais cursos eram apenas apêndices das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, absolutamente desprestigiados, inclusive pelos técnicos do Ministério de Educação e Cultura, conforme também registro seu.

Na verdade, até a edição de *Iniciação à filosofia do jornalismo*, o que se publicara eram textos gerais, como o pioneiríssimo *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil* (1946), de Carlos Rizzini, *A missão da imprensa* (1950), de Carlos Lacerda, *Jornalismo e literatura* (1955), de Antonio Olinto, *O jornalismo como gênero literário* (1957), de Alceu de Amoroso Lima e *Pela liberdade de imprensa* (1957), de Afonso Arinos. A obra de Beltrão, portanto, é verdadeiramente pioneira e contribuiu, por certo, para a ampliação da preocupação pedagógica de preparação do jornalista profissional. É bom lembrar que, uma década depois, segundo levantamento do próprio autor (1973), o Brasil contava com apenas 280 jornais diários (dos quais 30 vespertinos), 96 que saíam de duas a três vezes por semana, 528 semanários, 102 quinzenários e 130 com outras periodicidades, atingindo apenas 3,5 milhões de exemplares/dia, numa média de apenas 3,5 exemplares/100 pessoas. O panorama mudou muito, tanto quantitativa quanto qualitativamente, e é isso, justamente, um dos dados significativos que pode-

mos acompanhar nas obras de Luiz Beltrão, até porque, como ele registra, o Brasil entrava, na década de 60, no chamado jornalismo industrial e o fazer jornalístico deixava o amadorismo para tornar-se profissão.

O ficcionista que vai do realismo à parábola

Para quem leia o conjunto de seis livros de ficção de Luiz Beltrão, editados entre 1950 e 1989, uma constatação salta logo aos olhos: excluindo-se os dois livros de contos, que apresentam excelentes trabalhos e alguns menos inspirados, os romances e novelas evidenciam um amadurecimento literário que se traduz tanto na escolha dos temas quanto na linguagem com que aborda cada um deles.

A bibliografia de Beltrão neste campo cobre outro largo período, exatamente paralelo ao de sua atividade universitária e jornalística, ultrapassando igualmente sua morte, eis que o último título, justamente um livro de contos, é editado já três anos depois de seu desaparecimento.

Quero começar a falar desses contos, porque neles não pretendo me deter muito. *Quilômetro Zero*, de 1960, paga tributo ao realismo, tal qual o praticara a escola de 30 e que fôra tão forte e significativa justamente no Nordeste. Foi ganhador do prêmio estadual de contos do ano de 1958, sendo, pois, editado, apenas dois anos depois de seu reconhecimento. São oito contos, que vão da fixação de antigo tempo de escravatura e um amor impossível entre os escravos, à fixação de episódios contemporâneos, como destruição dos mocambos por um projeto de urbanização do governo, ou um acidente que sofre um ônibus em viagem pelo interior, justamente quando nele estréia, enquanto funcionário, um adolescente sonhador. Há uma experiência surrealista; uma paródia a respeito da revolução de Tiradentes; e mais uns dois contos mais ligados à tradição dos textos de costumes. Mas é em "Patrício" que, não sem certa ironia, revela-se o prosador de qualidade. Ali, Beltrão narra uma história comum: o imigrante português que vem em busca de riqueza no Brasil. Toma o apelido de "patrício", com que o saúdam todos, e passa a experimentar a má e a boa sorte da maioria dos imigrantes. Já idoso, cruza-se acidentalmente com o amigo que o induzira à aventura, mas daí esquece seu próprio nome, restando-lhe apenas o apelido e, com isso, o desencontro da sorte prossegue.

O conto é magistral, exatamente porque concretiza literariamente, em uns poucos parágrafos, uma verdadeira epopéia, ainda que às avessas. A ironia maior, contudo, surge do fato de que as diferentes partes da

pequena obra ficcional estão identificadas por epígrafes tiradas dos dez cantos de *Os Lusíadas*, de Camões, com que contrasta fortemente, sobretudo porque a narrativa ficcional é tudo o que se possa pensar de oposição ao texto poético do século XVI. Do mesmo modo, no livro com que se encerra sua vida literária, a coletânea *Contos de Olanda*, Luiz Beltrão explora diferentes tradições literárias, desde simples anedotas como a de "O penitente", até o caso de vingança por traição, de "A arma do crime", ou a série que compõe a trilogia que se encerra por "O seqüestro", brincadeira bem urdida para brincar com a situação política de exceção que o Brasil então experimentava, graças ao AI-5 e coisas semelhantes.

No entanto, há aí um texto encantador, "Ana - amor e guerra", que se passa no tempo do domínio holandês em Recife e Olinda. É obra antológica, por sua poeticidade, ao narrar os três casamentos e as três solidões de Ana, filha de engenho, que vai encontrando e perdendo seus amores à medida em que as guerras se sucedem a seu redor.

Esta referência rápida aos contos tem um motivo: eles não são, por certo, o melhor da obra ficcional de Luiz Beltrão, mas servem para mostrar a efervescência de sua criatividade, a coragem com que não escolhia tema, nem estilo, desde que um servisse ao outro.

Refiramo-nos, contudo, agora, ao mais importante, que é o conjunto de seus romances. Sua estréia literária se dá com um romance denominado *Os senhores do mundo*. Trata-se de uma narrativa realista, que centraliza sua atenção nos marginais e miseráveis que sobrevivem de biscates, pequenos roubos e outras práticas, no entorno do Mercado ou nos mocambos ali próximos. Luiz Beltrão esboça largo mural que igualmente se tinge de uma perspectiva épica, na medida em que cada personagem luta, a seu modo, pela sobrevivência. Samuel, o Leproso, é admirável em sua ingênua esperança de se curar graças à santinha; Antonio Cego é inesquecível por sua humanidade; Josefina definha dia a dia, sustentada apenas pelo amor de um cego que com ela reparte o espaço físico de um mocambo, sem jamais tê-la conhecido sexualmente; Da Paz será a piedosa virgem sacrificada à sanha da comilança sexual que deriva do convívio absolutamente impiedoso de adultos, crianças e adolescentes, de trabalhadores derrotados e de marginais sem quaisquer sentimentos; Mascote é a contrapartida: criança ainda, sofredora nas mãos da mãe, abandonada por ela encontra guarida na casa de uma vizinha que há muito pretendia adotá-la, sem jamais obter o consentimento da mãe; Sarnento (que lembra muito os clássicos do século

XVI e XVII) é um desses marginais corajosos, capaz de sacrificar-se em nome dos amigos e conhecidos; e por aí se estende o conjunto de imagens.

Luiz Beltrão – mercê de seu treinamento jornalístico – narra com empatia, mas jamais cai na armadilha do adjetivo lacrimajante, oriundo do rançoso e decadente romantismo de fim de século. Ao contrário, todas as suas personagens possuem dupla face, o leitor há de descobri-las aos poucos, à medida em que a narrativa avance. E, assim, Beltrão constitui um microcosmo da própria sociedade recifense, pernambucana e brasileira, marcada pela emigração rural, pela nascente marginalização urbana, por todo aquele processo que a Sociologia tão bem identifica e teve lugar na passagem das décadas de 40 para 50, logo depois de finda a II Grande Guerra, mudando completamente a paisagem social brasileira.

O romance seguinte muda completamente de rumo. Quase duas décadas depois do primeiro romance, *As sombras do ciclone* toca um tema absolutamente diverso: o religioso. O autor parece deliciar-se em andar ao lado do penhasco sem nele precipitar-se. Nada mais potencialmente *lacrimajante* do que o drama de um casal à beira da separação, desgastado pela vida comum: ele ainda a ama; ela, contudo, cede à chegada de um primeiro galã, que se vale da confiança da família. Do outro lado, um jovem sacerdote idealista que, descobrindo a situação por força da confissão do homem, intervém no complô mas paga com a própria suspeição de ser ele o bandido, levando-o ao afastamento da ordem. De novo, aqui, o autor marcha com segurança: o tema, que seduziu por certo a editora por sua atualidade e enfoque, desenrola-se com segurança, modificando os pontos de vista da narrativa, rerepresentando-a sob a ótica de umas e outras personagens, revelando detalhes e desdobramentos de capítulo para capítulo que mantém a tensão e a atenção do leitor a todo o momento. O escritor não se deixa enganar pela sereia da emoção fácil. Conhecedor profundo das estruturas administrativas e eclesiais da Igreja Católica, aborda com segurança o tema escolhido. E consegue dar conta da tarefa, encerrando a narrativa com um acento de esperança e reafirmação da relação familiar, contudo, sem sofismas e sem negar a necessidade do diálogo e da confiança permanentes.

Passam-se mais alguns anos e então a surpresa: *A serpente no atalho* não é inusitado apenas no título, mas no tema e no seu tratamento. O texto se divide em três blocos. Nos dois primeiros, temos uma paródia, no sentido bakhtiniano, da narrativa bíblica, ainda que sofrendo fortes mutações e intervenções. Assim, assistimos ao episódio paradisíaco da criação a partir da costela de Adão, com que se abre a narrativa, com a técnica da terceira pessoa indireta;

depois lemos o episódio da tentação e da descoberta do Bem e do Mal; aqui, já as modificações criativas do escritor dão ao texto um sabor estranho: ao mesmo tempo em que reconhecemos o texto, desconhecemo-lo, graças aos artifícios narrativos. Na terceira parte, contudo, Luiz Beltrão literalmente nos surpreende: joga o leitor no futuro, num hipotético século XXV, quando sobrevive um único império na Terra e o planeta prepara sua própria recriação. O fechamento retoma a perspectiva inicial e o leitor termina a aventura absolutamente fascinado pela invenção e pela surpresa que acada página vai encontrando.

Sabemos que a ficção científica tem explorado à saciedade a possibilidade da criação de novos mundos e da reencarnação, mas a erudição do autor, traduzida com simplicidade pela narrativa, permite ao texto um outro registro, totalmente inovador, que vai do texto mítico e paródico ao de antecipação do futuro, com uma naturalidade sempre surpreendente e, ao mesmo tempo, absoluta verossimilhança.

O circuito criativo se encerra com um inesperado romance – também paródico – cuja atualidade, mais de 20 anos depois, dispensa qualquer comentário sobre sua importância. Refiro-me a este inusitado *A greve dos desempregados*. Nesse texto, o que se narra é alguma coisa a que ainda e sobretudo hoje em dia qualquer um de nós gostaria de assistir. Como o seu título refere, narra-se uma greve de desempregados.

Mesclando uma narrativa quase que jornalística, na precisão e objetividade dos dados, com a poeticidade que todo o mito – e em especial a utopia exige – Luiz Beltrão narra a história de uma greve de desempregados, desenvolvida em menos de 24 horas, num Brasil dos anos 70 ou 80, portanto, suficientemente longínquo para que se guarde a distância dele; e suficientemente perto, até pelo remanescer de tal situação, no nosso atual século XXI, para que nos sintamos absolutamente envolvidos pela ação. Sindicatos de todos os segmentos, reunidos em uma confederação, deflagram uma greve inusitada: enquanto os empregados paralisam parcialmente suas atividades, os desempregados os substituem, com evidentes vantagens para todos: o público sai bem servido, as empresas estatais e privadas alcançam desempenho e qualidade na prestação de serviços até então inimagináveis, e até mesmo as autoridades, chamadas para examinar a situação, vêem-se constrangidas a admitir que a sociedade está a lucrar com tal experiência.

Tudo o que querem os grevistas é o que ainda hoje estamos a discutir em nossa sociedade: redução da carga horária dos empregados para

que se gerem novos empregos. A narrativa encaminha-se aparentemente para um *happy end* mas Luiz Beltrão não é inocente nem leviano: pode-se ter uma utopia, mas é necessário que se tenha clareza quanto ao que se quer dizer e denunciar. Assim, a intervenção de um braço quase armado das instituições religiosas e civis põe tudo a perder e os grevistas (leia-se, a sociedade brasileira) são derrotados: tudo volta à situação de antes, ou pior, pois a confederação é posta fora da lei.

A par da coragem do autor em escrever e publicar esse texto, num momento ainda difícil de nossa história política recente, o que entusiasma é a precisão e o talho de cirurgião, mas cheio de ironia e bom humor, com que Luiz Beltrão aborda o controvertido tema, ainda hoje sem solução em nosso país e, na verdade, até mesmo agravado.

Os dois últimos trabalhos mencionados o leitor os acompanha com respiração suspensa, sem poder desgrudar a vista de suas páginas, querendo sempre descobrir mais e mais, sabendo, no fundo, o que poderá acontecer, mas, ao mesmo tempo, torcendo para que, quem sabe, haja uma outra solução, uma saída, enfim...

Mas por certo Luiz Beltrão não escreve por diletantismo. Uma leitura atenta de sua obra ficcional, especialmente de seus romances, evidencia um projeto e uma preocupação única: a expectativa pelo novo, a utopia da renovação, a oportunidade para que, em meio a todos os dissabores, desafios, aparentemente intransponíveis problemas, o ser humano mostre sua capacidade e é capaz de encontrar alternativas.

É neste sentido que a literatura de Luiz Beltrão não se encontra tão distanciada de seu trabalho de professor e de prático do jornalismo. É evidente, em todas as obras de ficção, a crença na enorme força que a comunicação humana possui para resolver ou ao menos encaminhar as soluções para os problemas de nossa sociedade. E quando ela falha, então também falha a possibilidade de uma alternativa.

Por outro lado, o largo treinamento de Luiz Beltrão enquanto jornalista, ajuda-o na tarefa do narrador. Seu estilo é enxuto, objetivo, marchando sempre numa frase relativamente curta e essencial, para aquilo que, de fato, é o cerne de sua história. Neste sentido, destaca-se a perspectiva paródica e a ironia como práticas estilísticas que são críticas e reveladoras/denunciadoras da sociedade por natureza. Por outro lado, é evidente uma perspectiva épica em todos os seus textos, na medida em que as personagens são capazes de ultrapassar e, sob uma dimensão espe-

cialmente ética, se colocam *em situação*, como diria Jean-Paul Sartre aí pela década de 50, e então, num determinado contexto histórico e pessoal, decidem-se por qual lado lutar e com qual segmento social se identificam. Por isso, seus textos, especialmente os últimos, colocam-se igualmente enquanto parábolas, ou seja, narrativas simbólicas nas quais o autor representa a realidade, ao mesmo tempo em que nela intervém, de modo a tornar mais visível aquilo que, por um motivo qualquer, talvez até por nosso convívio com ele, acaba por tornar-se imperceptível.

Quanto ao autor, ninguém tem dúvida. Basta ler-lhe as obras que, aliás, gradualmente, vão sendo reeditadas e revalorizadas. Num momento em que o experimentalismo inconsequente marcava a ficção e a poesia brasileiras, Luiz Beltrão soube seguir a onda, contudo, sem submergir. Como o surfista calejado, mostrou-se suficientemente competente para ir à crista da onda enavegar nela, não apenas segundo a maré, mas conforme lhe interessava, em manobras arriscadas mas seguras.

Se, pessoalmente, já nutria pelo autor uma enorme admiração, graças a toda a sua contribuição no campo comunicacional e pedagógico, confesso que cresceu esta admiração. E só posso lamentar que os textos ficcionais de Luiz Beltrão sejam, hoje, tão pouco conhecidos. Felizmente, ainda há gente como José Marques de Melo que, pela força da fidelidade da amizade, guarda essa memória e a espalha entre outros, como foi o meu caso. Espero poder ter expresso, aqui, um pouquinho de minha experiência de leitor para com esses textos. O melhor, contudo, é que cada um de vocês, que aqui me acolheu e até agora me ouve, com paciência, faça a sua própria experiência. Não se pode ler pela leitura dos outros, ou ao menos, não se pode ler apenas pela leitura dos outros. É preciso a nossa própria experiência, e é essa que eu gostaria de, repetindo o que chamei de provocação de José Marques de Melo, deixar igualmente com vocês.